



O “chefe para a vitória”: narrativas sobre Paulo Machado de Carvalho em três jornais brasileiros durante a Copa de 1958

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro¹  

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ronaldo Helal²  

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O fenômeno esportivo é um ambiente fértil para a produção de narrativas sobre modelos de sociedade. Eventos como a Copa do Mundo de futebol masculina, especificamente no Brasil, possuem uma relação intrínseca com os meios de comunicação. Suas narrativas indicam as disputas constantes na sociedade. Este artigo vai apresentar o que consideramos a embrião da narrativa do gestor no esporte como alguém fundamental para organizar o talento e as ações dos atletas dentro de campo. Na Copa do Mundo de 1958, quando a seleção brasileira conquista o seu primeiro título, vamos, através da análise crítica de narrativa de três periódicos brasileiros, indicar qual foi o papel do “chefe” Paulo Machado de Carvalho no mundo criado pelos jornais. Escolhemos os jornais *O Globo*, *Folha da Manhã* e *Jornal do Brasil* pela relevância na produção de narrativas no contexto brasileiro daquela época. De maneira mais específica os dois primeiros por também se constituírem com porta-vozes da elite nacional. Da estreia da seleção até o dia do desembarque da delegação no Brasil, selecionamos todas as reportagens que abordam o tema seleção brasileira e as contabilizamos, chegando ao total de 401. Em seguida, contabilizamos as menções aos membros da comissão técnica da seleção, de forma mais específica: Paulo Machado de Carvalho (19) e Vicente Feola (85).

Palavras-chave

Futebol. Copa do Mundo 1958. Seleção Brasileira. Gestor.

1. Professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É coordenador do Audiolab da Uerj e pesquisador do Prociência/Uerj.

2. Professor titular da Faculdade de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É pesquisador 1 do CNPq, da Faperj (Cientista do Nosso Estado), e do Prociência/Uerj.

The “boss for victory”: narratives about Paulo Machado de Carvalho in three Brazilian newspapers during the 1958 World Cup

Abstract: The sporting phenomenon is a fertile environment for the production of narratives about models of society. Events such as the men’s soccer World Cup, specifically in Brazil, have an intrinsic relationship with the media. Their narratives indicate the constant disputes in society. This article will present what we consider to be the embryo of the narrative of the manager in sport as someone fundamental to organizing the talent and actions of the athletes on the pitch. At the 1958 World Cup, when the Brazilian team won its first title, we will use a critical analysis of the narratives in three Brazilian newspapers to indicate the role of “boss” Paulo Machado de Carvalho in the world created by the newspapers. We chose the newspapers O Globo, Folha da Manhã and Jornal do Brasil because of their relevance in the production of narratives in the Brazilian context at that time. More specifically, the first two were also spokespeople for the national elite. From the national team’s debut to the day the disembarkation of the delegation in Brazil, we selected all the reports that dealt with the theme of the Brazilian national team and counted them up to a total of 401. Next, we counted the mentions of members of the national team’s coaching staff, more specifically: Paulo Machado de Carvalho (19) and Vicente Feola (85).

Keywords: Soccer. 1958 World Cup. Brazilian national team. Manager.

El “jefe para la victoria”: narrativas sobre Paulo Machado de Carvalho en tres periódicos brasileños durante la Copa del Mundo de 1958

Resumen: El fenómeno deportivo es un entorno fértil para la producción de narrativas sobre modelos de sociedad. Eventos como la Copa del Mundo de fútbol masculino, concretamente en Brasil, tienen una relación intrínseca con los medios de comunicación. Sus narrativas indican las constantes disputas en la sociedad. Este artículo presentará lo que consideramos el embrión de la narrativa del gestor deportivo como alguien fundamental para organizar el talento y las acciones de los jugadores en el campo. En la Copa del Mundo de 1958, cuando la selección brasileña conquistó su primer título, indicaremos, mediante un análisis crítico de las narrativas de tres periódicos brasileños, el papel del “jefe” Paulo Machado de Carvalho en el mundo creado por los periódicos. Elegimos los periódicos O Globo, Folha da Manhã y Jornal do Brasil por su relevancia en la producción de narrativas en el contexto brasileño de la época. Más concretamente, los dos primeros porque también eran portavoces de la élite nacional. Desde el debut de la selección hasta el día del desembarco de la delegación en Brasil, seleccionamos todos los reportajes sobre el tema de la selección brasileña y los contamos, hasta un total de 401. A continuación, contamos las menciones de miembros del cuerpo técnico de la selección, más concretamente: Paulo Machado de Carvalho (19) y Vicente Feola (85).

Palabras clave: Fútbol. Copa del Mundo de 1958. Selección brasileña. Director.

Introdução

Em 1958 a seleção brasileira de futebol conquistou seu primeiro título da Copa do Mundo. A vitória do “escrète canarinho” consolidou uma narrativa que vinha sendo construída desde a Copa de 1938 (Sarmiento, 2013). Essa narrativa aglutinou interesses políticos, econômicos e esportivos e teve na imprensa escrita e no rádio seus maiores porta-vozes (Mostaro, 2017). Após a Copa de 1938 e o artigo Football Mulato, escrito pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, estabeleceu-se uma suposta dualidade entre improvisado e organização (Mostaro; Helal, 2018). Na interpretação de Freyre, os joga-

dores brasileiros seriam mais talentosos, baseados em estilo de “surpresa, manha, de astúcio e ligeireza”, “amigo das variações” e “inimigo dos formalismos” (Freyre, 1938, p. 4) ao passo que os europeus teriam um excesso de “ordenação que desapareceria a variação individual”, “mecanizada” e “subordinada ao todo”³. Observando esse antagonismo proposto por Freyre, sua repercussão e influência nas narrativas sobre o talento dos jogadores brasileiros, traçamos como hipótese que a figura do treinador seria esse antagonista dentro do futebol nacional. O responsável por geometrizar, disciplinar e comandar as ações dos atletas dentro e fora de campo, inserindo-os dentro de esquemas táticos que reduziriam o improviso.

Partindo deste problema, desenvolvemos uma tese de doutorado que analisou as narrativas de três jornais brasileiros sobre os treinadores da seleção brasileira nas primeiras nove Copas do Mundo (1930-1970). Analisamos os jornais *O Globo* (1930-1970), *Folha de São Paulo* (1962-1970), *Folha da Manhã* (1930-1958), *Diário de Pernambuco* (1938), *A Noite* (1930-1934-1950) e *Jornal do Brasil* (1954-1970)⁴. Da estreia da seleção até o dia do desembarque da delegação no Brasil, selecionamos todas as reportagens que abordam o tema seleção brasileira e as contabilizamos, chegando ao total de 2.351. Em seguida analisamos aquelas que abordam a figura do treinador, totalizando 577. A ideia principal foi compreender a importância dada pela narrativa dos jornais a esta personagem no período Copa do Mundo. Seguimos a proposição de Guedes (2009) de que a Copa do Mundo é um ritual nacional. Neste ritual cada personagem teria um papel a ser cumprido no *frame* (Goffman, 2012) Copa do Mundo. Para indicar qual seria o papel do treinador no mundo elaborado pelas narrativas dos jornais, nos baseamos na proposta narrativa de Paul Ricoeur (2010) e de Luiz Gonzaga Motta, atentando para os enquadramentos lúdico dramáticos do jornalismo (Motta, 2010) através da metodologia Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013). Após observar os números coletados e a relação notícias sobre a seleção/notícias sobre o treinador, fizemos essa análise da narrativa, entendendo que nenhuma narrativa é ingênua, que ela cumpre de terminado propósito, é um processo e não algo acabado, como se pretende enfatizar, sempre em interação constante com cada contexto, evidenciando disputas sociais, produzindo um mundo e singularizando um mundo que é atravessado por múltiplas realidades (Ricoeur, 2010).

3. Importante destacar, que, assim como todo processo narrativo, as discussões sobre o estilo de jogo, surgem antes do artigo Football Mulato de Freyre. Para melhor compreensão do tema ver: Soares e Lovisolo (2003). Para a compreensão deste imaginário captado por Freyre e exposto no artigo ver: Mostaro e Helal (2018).

4. Todos os jornais citados estão disponíveis para acesso on-line. A escolha dos jornais se deu pela sua relevância no contexto de cada competição. O jornal *A Noite*, por exemplo, foi perdendo o seu impacto para o *Jornal do Brasil* a partir da Copa de 1954 e por isso foi substituído.

Neste artigo, vamos trazer os resultados obtidos na investigação sobre a Copa de 1958. Qual foi o papel do treinador na primeira conquista brasileira? Qual contexto auxiliou na elaboração do papel do técnico Vicente Feola? Entretanto, é necessário explicar por qual motivo o chefe da delegação brasileira na Suécia, Paulo Machado de Carvalho se tornou o objeto principal deste artigo e não o treinador Vicente Feola. Durante o período de análise, Paulo Machado de Carvalho, importante ator na política, no esporte e na imprensa nacional emerge, nas narrativas dos jornais, como o primeiro grande responsável por uma “gestão eficiente” do nosso futebol, o “chefe” que conduziu a comissão técnica e os jogadores ao título. Nos 28 dias de análise nos três jornais vamos indicar como os periódicos exaltaram essa organização como um fator importante para que a qualidade dos jogadores fosse organizada e evidenciada. Grosso modo: a partir de uma boa gestão deste representante da elite nacional, o talento, inerente ao jogador brasileiro, enfim, sobressaiu. Consideramos essa narrativa o embrião das proposições que permeiam o imaginário esportivo atual: uma clara aproximação entre a ideia de gestão eficiente de um especialista (Postman, 1994) com o esporte (Mostaro; De Marchi, 2021).

Seguindo a proposição de Ricouer (2010), as escolhas dos jornais sobre o que era narrado e o que não era elaborado um sentido sobre a atuação de Paulo Machado de Carvalho durante a Copa do Mundo de 1958. Essas escolhas são feitas a partir da elaboração da intriga, que pode ser entendida como a escolha de ações humanas que vão tornar a narrativa compreensível, com início, meio e fim e que lhe darão determinado sentido de acordo com o que é contado e aquilo que não é contado, através de escolhas e angulações do narrador e do contexto. O que queremos deixar claro é que o Jornalismo pega uma parte de todo o amplo processo comunicacional e das interações e o apresenta como “o real”, convidando o leitor a compactuar com essa “realidade”.

Neste sentido, sabemos que o esporte nasce no epicentro do capitalismo industrial, a Inglaterra (Melo *et al.*, 2013), e que a relação capitalismo e futebol não nasceu em 1958. Essa relação foi fruto de um processo longo e complexo que não resume a uma Copa do Mundo, mas que, no mundo criado pelos jornais, nessa escolha de uma parte sem contar e narrar o todo, a ação de Paulo Machado de Carvalho foi exaltada como inovadora e dialogava com o contexto social, político e econômico que o país atravessava. O simbolismo de, na primeira conquista brasileira, os jornais escolherem esse fato para exaltar e colocar em evidência no mundo que a narrativa cria e elabora sobre as manifestações esportivas foi um forte indício dos caminhos que essas narrativas jornalísticas teriam dali em diante. Ou seja, o processo já existia, mas os jornais prefeririam exaltar durante essa competição, o que nos motivou a trazer esse resultado de pesquisa para este artigo. Assim, o objetivo principal é mostrar como, no mundo criado pelos jornais, a ideia de gestão surge neste ritual nacional como um fator decisivo para uma vitória esportiva.

1 A gestão tecnocrata na CBD

Antes de nos aprofundarmos na gestão tecnocrata da CBD, é importante enfatizarmos o referencial teórico que apoia a nossa análise de que tanto a CBD, quanto os jornais vão produzir narrativas intrinsecamente ligadas ao desejo da elite nacional⁵. Norberto Bobbio (1992) destaca que em uma sociedade existe uma minoria que, por várias formas, é detentora do poder. Essa minoria seria um extrato da sociedade que cria condições para exercer o controle. Mosca (1975) enfatiza que este poder passa pela habilidade do controle das forças sociais que sejam hegemônicas em determinados grupos sociais. Esse extrato pode possuir membros de diferentes grupos que se alinham, ora por submissão, ora por interesses mútuos, ora por posição estratégica para produzir, manter ou ajustar a visão de mundo que seja vantajosa para esses indivíduos e seus grupos. A elite seria o resultado das complexas interações e interesses comuns entre esses extratos, por mais que sejam momentâneos, ajustados a cada contexto e, na nossa análise, interferindo no modelo pretendido de "técnico da seleção". Assim, entendemos o conceito de elite neste artigo não apenas como relações de dominantes de dominados em cada *frame* social, e sim como a narrativa hegemônica expandida pelos meios de comunicação que molda um mundo e pretende expandir um modelo de sociedade com suas regras e a constituição da intriga escolhida por um determinado grupo.

A elite, portanto, passa a exercer uma forte influência através destes recursos, manifestando concretamente seu poder, como Weber (1987) destaca. A partir desta visão da elite se molda o imaginário nacional dentro de algumas teorias, que legitimariam o poder simbólico e justificariam decisões e imposições desta própria elite. O pensamento político brasileiro, por exemplo, passa por essa questão da elite, da formação de narrativas para definir e interpretar o Brasil, como Brandão (2007) e Souza (2015) enfatizam. Esse pensamento político está presente na CBD. Essa elite vai não só elaborar, mas fortalecer instituições sociais, como a CBD, por exemplo, legitimando-as, garantindo sua hegemonia. Essas estratégias deságuam na narrativa dos jornais pesquisados, que vai expandir este modelo de mundo para o maior número de pessoas possível, sendo a instituição porta-voz deste setor⁶: "os interesses gerais de uma classe são representados por uma instituição, na qual o objetivo é garantir a coesão da formação

5. Para melhor entendimento dessa argumentação ver Mostaro (2019).

6. Aqui nos baseamos nos resultados do projeto Manchetômetro, iniciativa LEMEP (laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública), sediado no Instituto de Estudos Sociais e Políticos vinculado a UERJ. O projeto faz um acompanhamento da cobertura da imprensa nacional sobre temas de economia e política. Os resultados nos indicam que os veículos da grande imprensa projetam uma narrativa mais negativa a pessoas e partidos ligados a partidos denominados de esquerda, ao passo que é mais favorável a agentes políticos com uma ligação mais intensa com a elite nacional e de partidos denominados de "direita". Disponível em: <http://www.manchetometro.com.br>.

social em que essa classe domina sem que ela seja um agente político consciente de seus interesses e organizado para a ação” (Perissinotto; Codato, 2009, p. 258). Ressalta-se que o nosso objeto de estudo neste artigo, Paulo Machado de Carvalho, era um agente que detinha um “capital simbólico” importante nos campos político, esportivo, social e midiático. Essa circulação amistosa influenciou diretamente na cooperação entre os agentes destes campos na formulação da narrativa encontrada nos jornais sobre a seleção brasileira nas Copas de 1958 e 1962, quando Paulo foi o “chefe” da delegação. O que inferimos nessa movimentação é que o agente não está imóvel em determinado campo, ele pode exercer influência em mais de um campo. Assim, a formatação desta elite e de seu imaginário se dá nessas interações entre indivíduos que atuam nos campos e que pode se ajustar a cada contexto.

Feita essa importante colocação, vamos fazer uma breve contextualização do cenário que proporcionou essa gestão tecnocrata da CBD durante a Copa de 1958. Getúlio Vargas, que, em seu primeiro governo (1930-1945), conseguiu agrupar as elites nacionais em torno de um projeto de nação e acreditava na simbologia seleção/nação (Souza, 2008), não pôde acompanhar o ápice de sua aspiração no campo esportivo e a concretização desta concepção nascida em 1938. Com o seu suicídio em 24 de agosto de 1954, uma pujante disputa entre diferentes grupos sociais, políticos e econômicos para redefinir o controle nacional estabeleceu dois campos distintos, adiando em 10 anos o golpe militar em curso (Barbosa, 2002). De um lado seu vice Café Filho, que assumiu o governo, incorporou elementos da UDN (partido que intensificou a narrativa de populismo para combater Vargas, tendo Carlos Lacerda como principal líder), setores considerados entreguistas e prometeu eleições para outubro de 1955. Os militares desse grupo entreguista clamavam por uma “união nacional” contra o “mar de lama”, a favor de uma “reforma do sistema político” e tinham como candidato a presidente o general Juarez Távora, ex-líder tenentista que ajudou Getúlio em 1930 e foi contra a criação da Petrobrás. De outro lado, estavam grupos políticos ligados a Getúlio e setores militares considerados nacionalistas, que defendiam a proposta de industrialização e as recentes estatais criadas por Vargas. O representante deste grupo nas eleições era o mineiro Juscelino Kubitschek, candidato do PSD com João Goulart (PTB) como vice e apoio dos comunistas (PCB) (Guterman, 2009).

Juscelino venceu. Udenistas e militares tentaram impugnar o resultado alegando “mentira democrática” e, com o infarto de Café Filho, tiveram na substituição do vice por Carlos Luz, então presidente da câmara, a chance de impedir a posse de Juscelino. O general Henrique Teixeira Lott deu um “golpe preventivo”, em 11 de novembro, para garantir a sucessão presidencial, e Kubitschek tomou posse no dia 31 de janeiro de 1956.

A busca de uma modernização do país tinha na construção da nova capital Brasília o resumo do lema de seu mandato: “50 anos em 5”. No seu “Plano de Metas”⁷, Juscelino optou pelo chamado nacional desenvolvimentismo mantendo a linha econômica varguista, mas com abertura para o capital estrangeiro. O PIB cresceu 7% ao ano entre 1955 e 1961. A recuperação da autoestima nacional seria apoiada nesta modernização e na entrada de ideias estrangeiras (Guterman, 2009). Proni (2000) destaca que é possível estabelecer um paralelo entre a vida econômica e política da nação e os chamados “anos de ouro” da seleção, que se iniciou em 1958. Em ambos os casos a modernização “implicava absorção de capital, tecnologia e padrões de produção e consumo originários da Europa e dos EUA” (Proni, 2000, p. 135). A elite nacional estava permeada por essas ideias de produção e desenvolvimento do capitalismo industrial, o que inferimos ter reflexo na construção do que seria o “perfil ideal” de liderança, simbolizado, nas narrativas dos jornais pesquisados, pelo treinador.

Tendo todo este contexto, a narrativa apresentada pelos jornais pesquisados como explicação para a derrota na Copa de 1954 era a de que tínhamos bons jogadores, mas uma organização e tática ruins. O futebol disciplinado e “científico” dos países europeus, em especial a Hungria e Alemanha (finalistas da competição em 1954), era um “case de sucesso” de como coordenar atletas de alto nível. Seria necessário buscar algo de fora, a organização não existente em nossa “essência” para sermos “campeões”. O cenário internacional alimentava essa “troca de saberes”. O considerado sucesso de público da Copa de 1954, primeira televisionada e transmitida para 33 países, intensificou a interação entre os treinadores europeus, já que com o fim da Segunda Guerra Mundial a presença de público e receitas cresceu em todo o continente⁸. “Vender a experiência dentro de campo” se tornou um negócio. Mais do que isso, seguindo a proposição de Wagg (2015), neste cenário de mercantilização mais efusiva do esporte, os treinadores vão se tornar a ponte entre capital e trabalho. O elo entre os donos dos clubes (neste caso os dirigentes da CBF, na época CBD, representantes da elite nacional (Sarmiento, 2013)) e os trabalhadores (os jogadores).

Em 1957, o clube São Paulo “compra essa experiência” com a contratação do treinador húngaro Béla Guttmann. Guttmann se considerava um especialista em futebol, alguém que sabia aplicar esse conhecimento adquirido em sua carreira e transmitia autoridade aos jogadores, com foco nos treinamentos intensivos (mais de duas horas de

7. Planejar, ter metas e cumpri-las se encaixa no perfil do gerenciamento de empresas. Interpretamos o Plano de Metas como uma influência do campo econômico no campo político, clarificando a ideia tecnocrática de Postman (1994).

8. Com a criação da Liga dos Campões dos clubes europeus em 1955, o campo esportivo europeu se reunifica. A competição vai contribuir diretamente com este intercâmbio que mencionamos. O aparato tecnológico televisivo vai interferir, assim como o rádio na década de 1930, neste aumento da popularidade do esporte.

parte física) e individualizados⁹ (treinava goleiros, zagueiros e atacantes em separado). Guttman entendia que cada um teria uma função específica e precisava treinar para isso. Esse “estrangeiro salvador”, agregado ao capital simbólico que a Hungria espalhou pelo campo esportivo no início dos anos 1950 com a conquista da medalha de ouro em 1952 e o vice-campeonato em 1954, fazia a sua contratação ser a solução para uma necessária modernização do futebol nacional. Uma posição que confrontava a tese de Freyre, que vimos anteriormente. Era alguém do centro (Europa) que ensinaria a periferia (Brasil). Essa visão “de fora” é importante para reforçar como os jornais pesquisados enfatizavam e traziam para o centro da intriga da narrativa a disciplina como algo “necessário” e “natural” para o progresso do futebol.

Entre o capital e o trabalho, Guttman propôs criar um “espírito de equipe”. O modelo de Guttman em que cada jogador sabia exatamente o que ia fazer em campo e treinava especialmente para suas funções era uma espécie de *Toyotismo* do futebol. Um modelo de produção que se baseava, dentre outros fatores, na “melhora e cobrança dos desempenhos”, por um treinamento específico para cada função e o “trabalho em equipe”. O nosso suposto “atraso”, aqui podemos dizer tanto como nação como no futebol, só seria “superado” pela organização científica do trabalho (Postman, 1994).

A concepção de Postman (1994) sobre a tecnocracia interferindo no cotidiano das pessoas, foi usada por nós para interpretar o papel que o treinador terá no esporte pós-guerra. Ele seria alguém especialista que trará eficiência e objetividade, com cálculos técnicos sobre as decisões durante um jogo. Na visão tecnocrática, os números estariam acima da capacidade de decisão humana (Postman, 1994). Qualquer tipo de técnica (tática) pode ser pensada para que os jogadores não pensem, apenas se encaixem dentro dos sistemas previamente estabelecidos, sejam obedientes dentro do campo e cumpram aquilo que foram designados. Os jogadores seriam trabalhadores dentro de regras pensadas por esses especialistas. A complexidade do jogo, subjetividade, atrapalhariam o “pensar o jogo” por especialistas. Quanto mais mecânica melhor. Tanto jogadores como as pessoas deveriam se adaptar as ferramentas inventadas na tecnocracia para o jogo/vida. Quanto mais adaptável a tais regras, melhor o jogador e o treinador.

Neste cenário, a própria função do treinador passa a ser desmembrada em outras atividades, como preparador físico, psicólogo, auxiliar técnico, que comporiam a comissão técnica. A evidente valorização do treinador nas narrativas dos jornais foi acompanhada de uma divisão de tarefas e uma narrativa de que a comissão teria o um

9. Neste tipo de treinamento, os jogadores supostamente entendiam sua função no time e assumiam papéis de confiança do treinador. A narrativa dos jornais pesquisados destaca que a presença dos atletas Mauro, Dino e de Sordi, que fizeram parte da seleção de 1958 e atuavam pelo São Paulo, foi em função de possuir este entendimento de suas funções.

peso simbólico semelhante ao seu. Dentre os membros da comissão do húngaro Bela Guttmann, estava Vicente Feola, que ocupava o cargo de auxiliar técnico. Feola já tinha sido auxiliar técnico do treinador brasileiro na Copa de 1950: Flávio Costa. No novo contexto que exaltava essa tecnicidade, Feola seria o “homem ideal” para comandar o Brasil na sexta Copa do Mundo. Mas como alguém que era auxiliar técnico “pularia” etapas e chegaria a treinar a seleção no nosso maior ritual? A intensa interação entre setores da elite nacional neste período nos ajuda a compreender a modificação no que seria o “perfil ideal” para ser o treinador da seleção.

Na interação com o campo econômico, tivemos os primeiros passos do “modelo econômico” e “gestão” do futebol no Brasil. Sylvio Pacheco, então presidente da CBD, patinava em resultados considerados “fracos” e a narrativa era de que “não se conseguira atingir o ideal de constituição de um time sólido” (Sarmiento, 2013, p. 107). Os conflitos entre campos levaram um ex-nadador do Fluminense, que participou de duas olimpíadas, filho de pai suíço e que também conhecia os bastidores das federações paulistas e cariocas, a presidência da CBD (Sarmiento, 2013). Jean-Marie Faustin Goedefroid de Havelange assumiu a presidência da CBD em 14 de janeiro de 1958 e implantou um modelo empresarial na estrutura da instituição. A ideia de renovação era clara: “a centralização da gestão esportiva sai de cena para dar lugar a um novo conjunto de gestores, com táticas e objetivos nitidamente distintos (Sarmiento, 2013, p. 108). Objetivos com uma relação muito próxima à ideia de Postman que adotamos e apresentamos anteriormente. Havelange tinha a “experiência” do campo econômico administrando a empresa rodoviária Cometa, era um especialista em gestão. O presidente da CBD inaugura oficialmente o modelo tecnocrata na administração do futebol nacional. Para auxiliá-lo neste processo, nomeou Paulo Machado de Carvalho, dono das rádios Panamericana e Record, além da TV Record, como chefe da delegação que iria a Suécia. Paulo definiu uma comissão técnica e planejou minuciosamente as ações da seleção, desde a apresentação dos jogadores até a partida final, distribuindo funções específicas aos membros da comissão. As narrativas midiáticas destacaram que jamais o Brasil havia se planejado e se preparado tanto para uma competição. Até um psicólogo foi contratado para avaliar os jogadores e tentar identificar, sem sucesso, a causa de nosso suposto destempero emocional nas decisões. A vitória só viria com a organização gerencial, tecnocrata, que cuidasse de todos os detalhes, inclusive o lado moral, como Sarmiento destaca: “encontramos embutida nesse discurso uma clara proposta civilizatória, que procurava incorporar à representação simbólica da nacionalidade um conjunto de elementos então associados à modernidade e progresso” (Sarmiento, 2013, p. 109). Com as transformações em curso, o modelo empresarial postulava Paulo Machado como chefe, um “empresário de sucesso” que forneceria o que faltava a seleção. Foi Paulo que escolheu Vicente Feola com treinador.

A escolha de Feola foi considerada uma surpresa e criticada por setores contrários ao grupo de Havelange. Feola tinha problemas cardíacos e era, como vimos, “apenas” auxiliar de Guttmann. Como Guterman enfatiza: “Feola desbancou o favorito Flávio Costa, técnico de 1950, porque tinha o perfil ideal para o trabalho em equipe que estava sendo montado” (Guterman, 2009, p. 125). O “perfil ideal” estipulado para o treinador naquela ocasião seria de alguém que aceitaria a interferência externa de uma elite que agora fazia parte da “comissão técnica” e faria a “gestão” direta do “trabalho de equipe”. Em suma, Havelange e Carvalho seriam os homens fortes, ao passo que Feola seria o coadjuvante.

2 A intriga dos jornais sobre o “chefe da vitória”

É importante destacar que, dentre as nove Copas analisadas, a de 1958 teve o segundo maior número de notícias sobre a seleção: 401. Ficou atrás apenas da Copa de 1970, que teve 625¹⁰. A intensidade do título e as atuações consideradas sensacionais reforçaram de vez o ritual nacional. O acontecimento Copa do Mundo se insere de vez como um ritual nacional, agora consolidado, com um início mítico (1938), suas tragédias e provações (1950), a grande conquista (1958) e o “final” apoteótico (1970).

Feola teve 85 menções ao longo dos 28 dias de pesquisa. A título de comparação com o *corpus* estudado sobre os treinadores, foi segundo maior em todo o período pesquisado, perdendo apenas para Zagalo na Copa de 1970, que teve 207. A maior porcentagem foi na *Folha*, 16 citações dentre as 65 reportagens sobre a seleção, resultando em 24%. O jornal paulista cumpre sua “função” de exaltar e dedicar quase um quarto das notícias sobre o primeiro título nacional a Feola, o representante da elite paulista. No *Globo* foram 46 aparições em 204 reportagens e 23 no total de 132 do *Jornal do Brasil*. Feola não recebeu nenhuma menção negativa.

Logicamente que o título influenciou, mas a ideia dos três jornais ao destacar Feola como aquele que era “paciente” e deu as condições para os jogadores “jogarem seu melhor futebol” foi, para nós, decisiva nessas menções positivas. Além disso, elogiar Feola era, indiretamente, também elogiar Havelange e Paulo Machado, representantes do modelo de gestão que representaria a ideologia defendida pela elite nacional. Foi a menor diferença entre rumos narrativos dos jornais pesquisados desde a Copa de 1930, com poucas nuances entre eles. Após a vitória sobre a URSS, os três jornais aumentaram consideravelmente a cobertura e adotaram uma narrativa de exaltação do “país do

10. Seguem os números das notícias coletadas sobre a seleção/treinador nas demais Copas: 1930 (90/18), 1934 (57/11), 1938 (256/71), 1950 (176/47), 1954 (152/45), 1962 (377/51), 1966 (217/42).

futebol”. As expressões “selecionador” e “preparador” foram mais numerosas do que em edições anteriores, com nove e cinco aparições, respectivamente. “Senhor” e “comandante” apareceram uma vez cada, indicando que, pela estrutura da CBD, o “comandar” não estava tão atrelado a Feola e sim, ao “chefe” Paulo Machado de Carvalho. Entendemos que, com a “autoridade” designada a Paulo, as categorizações “selecionador” e “preparador” expressavam melhor a posição de Feola na comissão: preparar e selecionar quem joga, ainda que fosse uma relação conflituosa, como indicaremos a seguir.

Especificamente para esse artigo, contabilizamos o número de citações dos demais membros da comissão técnica. Havelange teve seis menções positivas, sendo quatro no jornal *O Globo*, e as duas restantes divididas no *Jornal do Brasil* e na *Folha*. Os demais membros da comissão aparecem oito vezes, todas de forma positiva. Na *Folha*, Paulo Machado de Carvalho teve seis menções que seguiam a linha de exaltar a sua posição de chefe e a subordinação de Feola frente a ele: “o técnico Vicente Feola concordou com Carvalho” (*Folha de São Paulo*, 1958, p. 14). Essa intriga ressalta o “perfil ideal” de Feola, um gerente disciplinador que acatava ordens de seu chefe. No *Jornal do Brasil*, foram seis menções a Paulo Machado de Carvalho e, no *O Globo*, sete.

Foram 19 menções ao todo para Machado. Obviamente são menores que as de Feola. Entretanto, ao contextualizar e compreender a composição da intriga dessas reportagens, é nítido a exaltação e a associação do sucesso da participação da seleção a Paulo. Muitas menções a Feola são citações formais, informando, por exemplo, que ele treinou os jogadores no dia anterior. Além das menções a Feola que destacavam a sua lealdade aos “chefes”, sem mencionar Havelange e Paulo Machado de forma específica no texto, mas que deixava subentendida em função da atmosfera que permeava a competição.

Logo no primeiro dia de análise, encontramos uma narrativa no jornal *O Globo*, assinada pelo enviado especial do jornal a Suécia, Ricardo Serran, que, apesar de defender Feola, indica uma descentralização do papel do treinador, diluindo-o na comissão técnica, inclusive já familiarizando as funções e nomes aos leitores:

deve-se esclarecer ao público, que não é o técnico que escala sozinho a equipe, embora, de um modo geral, venha prevalecendo a sua opinião. Os outros, frise-se, na pior das hipóteses tem colocado o seu aval nas recomendações de Feola e se na vitória final ou parcial não estiver no “script”, tenham certeza os leitores de que a responsabilidade está dividida entre Feola mesmo, Carlos Nascimento, Paulo Amaral, José de Almeida e Hilton Gosling, com ligeiras sobras para o chefe Paulo Machado de Carvalho e alguns de seus colaboradores diretos (*O Globo*, 1958, p. 3).

João Havelange, apesar de não ter experiência no futebol, aparece como “um homem de bem” na reportagem. Serran fala que pensava-se em outros dois nomes para o cargo, Fleitas Solich e Zezé Moreira, mas Havelange encerrou as disputas apostando em Feola e sua “transbordante tranquilidade”: “nem mesmo a entidade e seus filiados acreditavam que o administrador do São Paulo fosse “the right man in the right place” (O Globo, 1958, p. 3). Interpretamos a elaboração desta intriga como uma defesa clara dessa “nova gestão”, destacando Feola como o “homem certo no lugar certo”.

O *Jornal do Brasil* seguiu a mesma linha com uma reportagem, assinada pelo enviado especial Carlos Lemos, sobre Havelange, exaltando a sua organização e a figura de Paulo Machado de Carvalho. Lemos ainda entrevistou o massagista Mário Américo, trazendo um extenso perfil do integrante da comissão técnica e, no dia seguinte, fez uma reportagem nos mesmos moldes com o preparador físico Paulo Amaral. O mundo criado pelos jornais visava “ensinar” ao leitor o que seriam essas novas funções no ritual Copa do Mundo.

Após a vitória na estreia por 3 a 0 sobre a Áustria, os “chefes” aparecem na *Folha da Manhã* comentando o jogo: “Paulo de Carvalho confiante para o jogo contra a Inglaterra” e “João Havelange manifesta-se a respeito da vitória do Brasil: a vitória pertence a todos os brasileiros” (Folha da Manhã, 10/06/1958, p. 14). O modelo empresarial aparece na frase de Feola: “O Brasil produzirá muito mais” (O Globo, 09/06/1958, p. 5). O “jogar melhor” é alterado para uma metáfora industrial: produzir mais. Na lógica capitalista, presente na elite, da mesma forma que os donos das fábricas tentavam criar ferramentas para fazer seus bens simbólicos com mais rapidez, mais perfeição e mais beleza, o técnico estaria incumbido desta tarefa no futebol. Ele seria “competente” se conseguisse inventar novas ferramentas com o objetivo de ser eficiente, padronizar, medir resultados e ir “rumo ao progresso” (Postman, 1994, p. 51). O resultado seria o mais importante e o progresso seriam as vitórias da equipe. Um dos símbolos deste “perfil ideal” da tecnocracia aplicada à profissão de treinador foi Herbert Chapman. Treinador do clube inglês Arsenal, ele foi considerado o primeiro modernizador do futebol, exatamente por utilizar ferramentas empresariais em suas táticas e condução dos jogadores. Giulianotti (2010, p. 170) usa uma expressão interessante ao resumir o treinador: “foi o Ford do futebol e seu primeiro dirigente moderno”. Davies (1992, p. 301) é mais incisivo: “sob seu ponto de vista, todos os artifícios utilizados pelo industrial para agilizar a produção de bens poderiam ser usados igualmente para agilizar a produção de gols”. Wagg (1984) destaca que Chapman buscava implantar um método para “or-

ganizar a vitória”¹¹. Pensamento que se alinha a ideia de Taylor (1990). Para o autor, os assuntos dos cidadãos são mais bem orientados e conduzidos pelos especialistas. Para tudo se chama um técnico que, com suas planilhas, vai gerir a eficiência pelos números sem analisar o todo. Esse processo narrativo de “progresso” foi aos poucos se entranhando em outras esferas sociais como a política e o esporte. Sugerimos que a narrativa que enfatizava a aproximação entre esporte e indústria torna essa metáfora possível.

Após o empate em 0 a 0 contra a Inglaterra, pela segunda rodada da competição, os jornais pautaram suas narrativas na entrada de Garrincha e Pelé no time. A notícia do *Jornal do Brasil*, no dia do jogo contra a URSS, indica o conflito existente na própria comissão para escalar Garrincha. Com o título “Chefe e técnico divergem”, Carlos Le- mos destaca:

A divergência entre o Sr. Paulo Machado de Carvalho (chefe da delegação brasileira) e o Sr. Vicente Feola (técnico da seleção) é falada e notória entre os homens que compõem a comissão técnica. Todos concordam com um ou com outro, mas, os dois, até o momento (22 hrs na Suécia) não haviam chegado a um acordo sob a equipe nacional para o jogo de logo mais. Paulo Machado de Carvalho quer Garrincha na ponta direita e Vavá no centro; Feola que Joel na ponta direita e Mazzola no comando (*Jornal do Brasil*, 15/06/1958, p. 13).

A reportagem termina com “o técnico inclina-se mais que o chefe, pelo simples fato de que Mazzola e Joel estão ligeiramente contundidos”. Mazzola e Joel não jogaram e o papel do “chefe” ficou evidente. Até aqui, a narrativa dos periódicos pesquisados seguia o rumo da exaltação a disciplina e organização, abordando a descentralização do papel do técnico neste novo modelo de gestão do esporte. Inclusive com o conflito aberto entre o “novo chefe” x “técnico”. Entretanto, a interação constante e essa disputa de imaginários durante o ritual Copa do Mundo fará a narrativa dos jornais adotar novo rumo.

Consideramos que o terceiro jogo da seleção, contra a URSS, estabeleceu um marco que vai emergir a proposição de Freyre e fazer com que a intriga, inevitavelmente, utilizasse os elementos do talento e improviso, que também floresceram e saíram

11. Entendemos o “organizar a vitória” como uma tentativa de controlar o lúdico, interferindo na “brincadeira”. Roger Caillois (2017) defende que o jogo precisa ser algo incerto, o resultado não pode ser determinado de antemão. A liberdade de inventar e mudar o rumo do jogo é uma obrigatoriedade, algo que o modelo tecnocrata no esporte tenta padronizar. Para Caillois (2017, p. 266-267) “não se joga se já existe a certeza de ganhar. O prazer do jogo é inseparável do risco de perder. Toda vez que a reflexão combinatória (em que consiste a ciência dos jogos) consegue chegar à teoria de uma situação, o interesse de jogar desaparece com a incerteza do resultado.” Já Melo *et al.* (2013, p. 8) destacam que Rottenberg (1956) apresentou uma pesquisa concluindo que a incerteza nos resultados era o “maior gerador de interesse do público que se dedicava a acompanhar e consumir as partidas e produtos esportivos.” Acreditamos que “jogar o jogo” envolve risco, algo que o mercado tenta evitar ao máximo.

de uma posição “meio esquecida” na intriga da narrativa da imprensa sobre o futebol nacional. A atuação dos jogadores, em especial Garrincha, vai levar o modelo empresarial e da comissão técnica competente para segundo plano, e fazer com que o jogador se sobreponha ao treinador de maneira muito contundente no mundo criado pelos jornais. A ideia de treinamentos e organização da comissão ainda segue, mas de forma tímida. A coluna de Célio de Barros no *Jornal do Brasil* indica o rumo que as menções a Feola terão ao longo da competição. Barros destaca que Feola reuniu os jogadores antes da partida e disse para eles jogarem o que sabiam, conforme Didi (outro jogador exaltado nas narrativas) declarou: “deveríamos ficar à vontade para resolver de pronto e como entendêssemos os lances que nos apresentassem, improvisando as jogadas como nos parecer melhor. E por isso mesmo jogamos o que sabemos e ganhamos a partida, que foi bem dura” (*Jornal do Brasil*, 17/06/1958, p. 17). O técnico, pela primeira vez em nosso *corpus*, aparece na narrativa como alguém que pediu improvisado aos jogadores e relacionando esta atitude com a vitória. Feola teria valorizado “as características personalíssimas dos nossos jogadores”. O grande planejamento e preparação dos russos teria sido desmontado pelo nosso improvisado, conforme Célio de Barros destaca:

todos os planos, relatórios e esquemas feitos com intuito de derrotar a seleção brasileira caíram por terra ante a improvisação de um Didi e de um Garrincha, a impetuosidade de um Vavá e o trabalho eficiente de um Zagalo. [...] o público sueco presente no estádio de Gotemburgo não se cansou de aplaudir o quadro brasileiro e principalmente Garrincha, que parecia jogar para a plateia” (*Jornal do Brasil* 17/06/1958, p. 17).

Os três dias de análise após o jogo contra os soviéticos foram repletos de hiperboles e que inauguram a admiração mundial pelo nosso futebol após a “estupenda vitória”. Todas as matérias sobre a partida pareciam ser “obrigadas” a vir repletas de adjetivos que pudessem “expressar a gratidão” por ter visto um jogo de futebol como Brasil x URSS. “Grande Show de Garrincha”; “Grande jogo”; “Vibrou toda a cidade com o sensacional triunfo” (*O Globo*, 16/06/1958, p. 1); “Um autêntico espetáculo de futebol”; “Vitória espetacular da seleção brasileira” (*O Globo*, 16/06/1958, p. 5). Detalhe que o jogo terminou 2 a 0 para o Brasil, mostrando que existia algo na atmosfera do jogo que os números finais do placar não traduziram e não captaram. Aqui é importante destacar que essa construção narrativa, por mais que pendesse a exaltar a gestão, não pode desdenhar de outros elementos que surgem durante a competição. Neste caso o talento de Garrincha e Pelé, exaltados pela imprensa mundial. De forma mais específica, neste jogo o de Garrincha. Captar a atmosfera de entusiasmo que envolveu a partida também é algo presente na construção da intriga, como podemos observar nessas manchetes: “dia de Garrincha”, “o homem que ridicularizou a defesa soviética”, “O ponteiro Gar-

rincha foi um dos jogadores mais cumprimentados depois do “match”, em virtude da sua incomparável atuação” (O Globo, 17/06/1958, p. 17). “É unanime a opinião em torno do ponteiro Garrincha que, com apenas uma atuação, já é considerado o maior jogador do campeonato” (O Globo, 17/06/1958, p. 18).

A narrativa se ajusta, concilia, negocia com outros aspectos para ainda manter a sua ideia de “realidade” frente aos leitores. Motta esclarece esta questão postulando que a narrativa é também construída “pelos ingredientes da situação comunicativa (quadro espaço-temporal, objetivos dos participantes, correlações de poder etc.) e pelo contexto sociocultural (representações mentais, estereótipos, modelos de mundo e memória afetiva etc.) que os interlocutores trazem para o ato da fala” (Motta, 2013, p. 21).

A vitória apertada por 1 a 0 contra o País de Gales, trouxe para os holofotes “moleque de 17 anos sacudiu o Brasil” (Jornal do Brasil, 20/06/1958, p. 17). Tanto *Globo* quanto *Folha* ressaltaram o talento de Pelé e a dificuldade encontrada na partida. As menções a Feola diminuíram durante este período. O termo mais usado passou a ser “direção técnica”, indicando a ideia de trabalho em conjunto que já destacamos.

Com Garrincha e Didi como “chaves” para o Brasil na semifinal, a *Folha* noticiou desta forma a vitória por 5 a 2: “Fogos, gritos e abraços festejaram a goleada do Brasil sobre a França” (Folha da Manhã, 25/06/1958, p. 14). Serran destacou no *O Globo*: “Mais uma noite de grande gala, exibindo todo o valor, todo o virtuosismo, toda a habilidade do futebol nacional” (O Globo, 25/06/1958, p. 18). Não se destaca a tática do time e sim a quantidade de jogadores excepcionais que a equipe teria na final da competição. Começa a ficar mais claro que a função do treinador seria “não atrapalhar o talento”, o que seria estendido aos dirigentes: “Paulo Machado de Carvalho, o vice-presidente da entidade, de quem se afirmava que apenas queria fazer movimento, é um chefe cuja virtude maior é a de não atrapalhar” (O Globo, 28/06/1958, p. 4).

O dia 29 de junho de 1958 se tornou a grande “data comemorativa” do “país do futebol”. A concretização do imaginário de “sermos os melhores do mundo” causou uma ebulição nos discursos sobre a nação que teria, enfim, “se apresentado ao mundo”. Novamente as hipérboles tentavam captar a atmosfera nacional e traduzir no mundo criado pela narrativa o “êxtase” da população: “Delirantemente comemorada a conquista do campeonato do mundo pela seleção”. “Nunca se viu tanto delírio” (O Globo, 30/06/1958, p. 1). Consolida-se a ideia na narrativa de que o “país do futebol” poderia ensinar algo a outras nações, erguendo um capital simbólico robusto: “O Brasil deu uma lição para aqueles que querem aprender” (O Globo, 30/06/1958, p. 17). O mundo criado pela *Folha* apresentava um festival de manchetes de outros países que seguia a mesma linha: o mundo se rendia ao talento dos jogadores brasileiros, em especial Garrincha e não à nossa disciplina. O que já havia começado no jogo contra a URSS se consolida

com a conquista da Copa do Mundo. A modernidade era “nossa”. O centro reconhece a periferia. Isso corroborava o imaginário que o brasileiro queria confiar e acreditar, e a Copa do Mundo, o futebol e o talento dos jogadores tornava tudo isso possível.

Apesar dessa evidente exaltação a uma narrativa que se aproxima muito da proposição de Freyre, os jornais, como porta-vozes da elite nacional, reajustam alguns pontos para destinar uma parcela desta vitória a seus membros. Após o título, Ricardo Serran deixa claro a construção da intriga que hierarquiza as posições na comissão técnica: “Paulo Machado de Carvalho, um chefe para a vitória. O “gordo” Feola. Pela ordem, Vicente Feola tem direito ao posto número dois” (O Globo, 03/07/1958, p. 30). Os três jornais destacaram a simbologia de Carvalho ser sempre um dos primeiros a sair do avião que veio da Suécia e fez uma escala em Recife, depois no Rio e terminou a saga em São Paulo. A reportagem “O chefe para a vitória” de Ricardo Serran consegue resumir o que foram os sentidos da narrativa dos três jornais sobre o “primeiro gestor do futebol brasileiro”.

Houve um plano que foi discutido e negado (a escolha de Feola para o cargo), mas que valeu por ter sido defendido pelos seus principais autores, como a valiosa presença do vice-presidente Paulo Machado de Carvalho. Durante quarenta dias, foi um chefe com todas as características de pai, sem perder os direitos que o cargo lhe conferira. Foi mais, ainda, pois presidente de uma cadeia de emissoras de rádio e televisão, colocou-se em honesta neutralidade, no terreno das informações, atendendo a todos quantos, que em cada minuto, o procuravam. Gentil no trato – o que não surpreendeu – equilibrou as diversas tendências do grupo dirigentes, impedindo o aparecimento de problemas, que, atrapalhariam o êxito da campanha. A sua ação começou muito antes da taça do Mundo, quando os horizontes não eram tão azuis como os de hoje. Mas, nunca houve tanta justiça no mundo do esporte, como agora, quando se vê o cobiçado troféu ser conquistado por uma delegação chefiada por Paulo Machado de Carvalho. [...] O lugar de Paulo Machado de Carvalho está assegurado na história do futebol brasileiro... (O Globo, 2/7/1958, p. 30).

Trazer para a intriga a destinação de um lugar assegurado na história do futebol para Paulo Machado de Carvalho é a exaltação dessa “gestão” construída pelos jornais ao longo da competição. Foi um epílogo importante na última reportagem do *corpus* que traz o nome de Carvalho. Seu papel, e, conseqüentemente, o da elite nacional, é devidamente guardado pelo mundo criado pelos jornais sobre conquista. Carvalho não entrou em campo, não fez gol, não era um exemplo do talento nacional exaltado pela concepção de Freyre, mas era o “gestor” moderno que esse suposto talento intrínseco ao brasileiro jamais teve. A intriga pretendia enfatizar que ele era tudo aquilo que o nosso futebol precisou e nunca teve. Podemos inferir a elaboração da metáfora de que o povo brasileiro e suas qualidades, quando administradas e geridas por essa elite, teriam

o sucesso entre as nações. Aqui é importante destacar que a narrativa sobre a gestão e sobre o talento estão em disputas. É importante exaltar o talento, mas com a ressalva que ele só “apareceu” por conta da “organização. A disputa será sempre constante por essa construção da identidade nacional através do futebol. A narrativa dessa vitória nos jornais evidencia essa dualidade que se fará presente em outras competições como Mostaro (2017) já indicou, principalmente na suposta dualidade entre “futebol-arte” e “futebol-força”, em uma clara continuação, em outro contexto, dessa disputa entre talento e organização.

A gestão da CBD, de Havelange e Carvalho entra na intriga elaborada pelos jornais sobre a vitória na competição: “CBD Futebol Clube Impressiona o Mundo – Nunca vimos uma seleção brasileira ser tão unida, tão coesa, como essa, que mais parece um clube” (Jornal do Brasil, 17/06/1958, p. 17). União e coesão eram as palavras mais usadas e expandem o universo esportivo para, de forma bem explícita, invadirem o campo político. Este trecho do jornal *O Globo* mostra como a relação CBD e poder era intensa: “o presidente JK está radiante com o seu colega João Havelange pela vitória do Brasil, confirmando suas declarações de que o Brasil avançaria 50 anos em cinco anos, durante seu governo” (O Globo, 01/07/1958, p. 17). O mundo criado é da relação visceral entre representante da nação e representante da seleção. A reportagem sobre a recepção do presidente no Palácio do Catete é emblemática:

com o locutor oficial dizendo que a vitória do Brasil na Copa Jules Rimet representava “a meta esportiva do governo, que não estava no programa 50 em 5”, o presidente Juscelino Kubitschek entregou às 21:13 horas de ontem, no palanque armado em frente ao Palácio do Catete, as medalhas de ouro e os diplomas ao selecionado brasileiro de futebol. O presidente entregou o primeiro diploma e a primeira medalha ao Sr. Paulo de Carvalho, chefe do selecionado. (O Globo, 3/7/1958, p. 7)

Reforçamos que, no mundo dos jornais, a imposição do talento nacional só foi possível por conta da organização da comissão (vinda da elite). Foi a “arma” desta elite ao adaptar sua narrativa a algo inegável e reconhecido pelos outros países: o talento. A coluna de Benjamim Constallat no *Jornal do Brasil* no dia seguinte à vitória aborda a ideia de mestiçagem e do talento de Freyre, porém inserindo a concepção de organização e disciplina da equipe.

O Brasil ganhou, domingo, mais do que um campeonato. Ganhou uma nova confiança em si próprio. E merecida, porque revelou não só as qualidades de sua brava raça mestiça, mostrando que atletismo não é privilégio dos arianos nem dos moços loiros. E revelou a sua capacidade de organização, de disciplina e de valor esportivo, que representam o resultado de uma tradição, que o

tempo ainda não nos deu como nas velhas nações, mas que a nossa perseverança conseguiram suprir, destruindo a nossa fama de improvisadores (Jornal do Brasil, 01/07/1958, p. 3).

Destacamos que a ideia de improviso, usada na construção do futebol como identidade nacional nos anos 1930 é aqui renegada, sugerindo a incorporação de outros sentidos como o da capacidade de organização que supostamente teria levado o time à vitória. Aqui é interessante refletirmos que, segundo a coluna, a seleção precisou desenvolver uma característica atribuída pelo próprio jornalista como típica de “velhas nações”, para conseguir vencer. Ou seja, apenas o improviso não nos levaria a conquista, foi preciso adaptar-se a outros atributos de “nações vencedoras” para chegar ao título. Atributos que a “organização” vinda da elite e aplicada pelo treinador teria nos dado.

A *Folha* também constrói este mundo em seu editorial logo após o título, contendo contribuições pertinentes a nossa investigação, como neste trecho:

O resultado final de domingo teve ainda o mérito de revelar que somamos ao apego brasileiro ao futebol e às inegáveis habilidades individuais dos nossos atletas, outros fatores indispensáveis de triunfo: disciplina, conjunto e boa organização. Sabe-se que a improvisação, o estrelismo e a rebeldia sacrificaram, numerosas vezes, as nossas aspirações ao título mundial (Folha da Manhã, 01/07/1958).

Notamos nesta passagem que o improviso é rejeitado e colocado como motivo de derrotas em outras competições, mas sem deixar de evidenciar a habilidade individual do jogador nacional. Esse improviso condenado pela matéria está associado a um individualismo exacerbado dos jogadores e a uma não adaptação, uma não obediência aos novos formatos que essa gestão destacada nos jornais visa implantar. Essa intriga indica um novo perfil a ser exaltado, aquele que pensa no grupo, no time, sem individualismo e se adapta as táticas sugeridas pelo treinador. Sugerimos que a ideia de modernidade e planejamento era vital para o imaginário que a elite nacional pretendia desenvolver.

Considerações Finais

Como mostramos, a narrativa sobre a Copa de 1958 exaltou a disciplina e organização da comissão técnica, inaugurando uma ideia de “modelo empresarial” com pessoas especializadas em cada setor, colocando Feola à sombra de dois dirigentes: Havelage e Paulo Machado de Carvalho. O último foi igualmente exaltado em 1962 com o bicampeonato conquistado no Chile. Em nossa análise, Paulo foi representante desta elite nacional e sua exaltação nos jornais se deve ao simbolismo que essa nova gestão do

esporte desejava marcar. Contudo, por mais que os trechos aqui mencionados fossem importantes e indicassem essa disputa pela narrativa existente neste ritual nacional, o volume de notícias sobre o talento sobrepôs as reportagens sobre a organização.

Consideramos este fato algo normal, já que, como destacamos, essa narrativa sobre Paulo Machado de Carvalho foi um embrião deste modelo de gestão no esporte durante uma Copa do Mundo. A narrativa é um processo e como todo processo, não surge do nada, ela é elaborada ao longo dos anos, e teve seu início de exaltação deste modelo exatamente nesta competição. Deste modo, este trabalho indicou as principais narrativas que floresceram dentro do contexto de abertura do país para capital estrangeiro e do fortalecimento do modelo de “modernização” estar atrelado ao capitalismo. O gerir vai se tornar ao longo dos anos, “apenas” alcançar lucros e no futebol “acumular vitórias”, sem levar em conta a complexidade do jogo. Grosso modo: se teve vitória foi um bom gestor, se não teve faltou gestão. Não foi por acaso que, 16 anos depois da Copa de 1958, João Havelange assume a presidência da FIFA e a torna uma grande empresa mundial. Empresa que passa a vender o futebol pelo mundo e tem na Copa do Mundo o ápice deste consumo.

A narrativa sobre Paulo Machado de Carvalho em 1958 nos mostra os caminhos que o esporte estava adentrando no pós-guerra. Atualmente, podemos traçar como hipótese que a abordagem desses gestores e a intriga da narrativa dos meios de comunicação que encontramos sobre essa personagem aumentaram de forma considerável. Reportagem sobre as táticas, sobre os balanços dos clubes são mais observadas do que narrativas sobre o talento dos atletas? Pesquisas futuras podem responder a essa questão. Acreditamos que a contribuição deste artigo é sinalizar que Carvalho, o gestor que “administrou” o talento em 1958, deu o pontapé inicial às ideias de gestão econômica das SAFs no futebol, dos grandes patrocínios e de uma gestão neoliberal que vai entender essa gestão como a única estrada para o sucesso esportivo. A própria concepção do que seria um treinador moderno será influenciada por essa ideia de gestão que aqui trouxemos. A CBF, por exemplo, possui atualmente um curso para formar e definir quem pode ser um treinador. Algumas disciplinas que integram o currículo explicitam o viés corporativo que o cargo alcançou e que teve seu início com Paulo Machado de Carvalho. São disciplinas bem similares ao currículo de um estudante de Administração: “Gestão Técnica do futebol”, “Marketing”, “Gestão Financeira”, “Gestão: liderança transformadora” e “Coaching”. Assim, concluímos que a narrativa sobre o “Chefe” em 1958 foi a pedra fundamental da gigante construção neoliberal que abraçou e tenta amarrar o esporte moderno.

Referências

- BARBOSA, A. J. O parlamento e a política externa: as relações Brasil-Portugal. **Lusíada. Revista de Ciência e Cultura**, v. 3, p. 61-66, 2002.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. 4. ed. Brasília: EDUnB, 1992.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. **Linhagens do pensamento político brasileiro**. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2007.
- CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- DAVIES, D. Chapman's Arsenal. *In*: Hamilton, Ian (Org.). **The Faber book of Soccer**, London: Faber e Faber, 1992.
- FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun., p. 4, 1938.
- FOLHA DA MANHÃ. São Paulo, 07 jun.-04 jul., 1958.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Trad. Gentil A. Tilton. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. *In*: DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de. (Org.) **História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 07 jun.-04 jul., 1958.
- MELO, Victor Andrade de. *et al.* **Pesquisa Histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- MOSCA, Gaetano. **História das doutrinas políticas desde a antiguidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1975.
- MOSTARO, Filipe. **Imprensa e o futebol-arte: as narrativas da “nossa essência futebolística”**. Curitiba: Editora Prismas, 2017.
- MOSTARO, Filipe. **Os técnicos, os campos e as Copas: imprensa, narrativa e o imaginário da elite cultural do futebol**. 2019. 298 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MOSTARO, Filipe; DE MARCHI, Leonardo. O encantador de serpentes: Tite e a transformação da figura do treinador de futebol sob a ideologia neoliberal. **Contracampo**, Niterói, v. 40, n. 2, p. 01-14, maio/ago., 2021.

MOSTARO, Filipe; HELAL, Ronaldo. *Foot-ball Mulato* e o imaginário nacional: a atmosfera de sentidos da Copa de 1938. **ALCEU (ONLINE)**, v. 19, p. 16-35, 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar narrativamente os conflitos políticos. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe (Org.). **Mídia, Representação e democracia**. São Paulo: Hucitec, 2010.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 07 jun. – 04 jul, 1958.

PERISSINOTTO, Renato; CODATO, Adriano. Classe social, elite política e elite de classe: por uma análise societalista da política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 2, p. 243-270, 2009.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da Cultura à tecnologia**. Trad. Reinaldo Guarany. São Paulo: Nobel, 1994.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 2000.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da nação canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 1, 2003.

SOUZA, Denaldo Alchorne. **O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Anablume, 2008.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo: LeYa, 2015.

WAGG, Stephen. **The football world: a contemporary social history**. Harvester Press, 1984.

WAGG, Stephen. "Anjos de todos nós?": os treinadores de futebol, a globalização e as políticas de celebridade. **Anál. Social**, Lisboa, n. 179, 2006. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732006000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 abr. 2015.

WEBER, Max. **Conceitos básicos**. São Paulo: Moderna, 1987.